



A PRESENÇA DA GEOGRAFIA NO ENSINO DOS INSTITUTOS FEDERAIS NA BAIXADA FLUMINENSE

Jully Rodrigues dos Campos

jullyrodrigues03@gmail.com¹

Sara de Souza Figueiredo

saradesouza42@gmail.com²

Amanda de Castro Lima

amanda.geografia@outlook.com³

Edileuza Dias de Queiroz

edileuzaqueiroz@gmail.com⁴

Resumo

A pesquisa tem como foco os Institutos Federais de Ensino, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro presentes na Baixada Fluminense, onde estão sendo pesquisados os impactos desses campi na realidade socioeconômica dos alunos e como a Geografia é trabalhada na modalidade de ensino médio com formação técnica integrada, ressalta-se a importância da educação geográfica na formação do ensino médio técnico. A pesquisa tem como objetivo geral analisar o ensino de Geografia em escolas técnicas da Baixada Fluminense, e os objetivos específicos: a) pesquisar o sistema técnico na educação; b) compreender a realidade que a(s) escola(s) está(ão) inserida(s); e c) refletir a(s) contribuição(ões) da Geografia no ensino dos Institutos Federais na realidade de alunos moradores da Baixada Fluminense. Para a construção do trabalho, que está em fase inicial, serão realizadas pesquisas em referenciais teóricos, como SANTOS (2015); FREITAG (2005); HOBÓ e SIMÕES (2018); FORNARO (2018); entre outros; buscando compreender qual Geografia é desenvolvida nessas escolas. Além disso, também haverá a visita em diferentes campi pela Baixada Fluminense para serem observadas as diferentes realidades que essas escolas estão inseridas e serão realizadas entrevistas com discentes e docentes para verificar se há e quais são os impactos dessa formação na vida dos alunos.

Palavras chave: escola técnica; prática de ensino; ensino médio.

¹ Graduanda do curso de Licenciatura Plena em Geografia no Instituto Multidisciplinar da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (IM/UFRRJ) e bolsista do IC/CNPq;

² Graduanda do curso de Licenciatura Plena em Geografia no Instituto Multidisciplinar da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (IM/UFRRJ);

³ Graduanda do curso de Licenciatura Plena em Geografia no Instituto Multidisciplinar da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (IM/UFRRJ) e bolsista do PIBIC/CNPq;

⁴ Professora do Departamento de Geografia do IM/UFRRJ e do PPGGEO/UFRRJ.

Introdução

O trabalho, fruto de uma pesquisa que vem sendo desenvolvida no Grupo de Estudos e Pesquisa em Ensino de Geografia (GEPEG) pretende discutir a importância do ensino de Geografia na formação técnica concomitante com o ensino médio na região da Baixada Fluminense. O foco será o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro (IFRJ), nos diferentes *campi* da Baixada Fluminense/RJ. Historicamente essa região foi, e continua sendo, marginalizada pela falta de políticas públicas e investimentos, acabou sendo criado um estereótipo de que a mesma é apenas pobre e perigosa. A ampliação de *campi* do IFRJ por diferentes municípios dessa região gerou inquietações: será que a chance de cursar o ensino médio técnico serviu como possibilidade ascensão para os jovens pobres da Baixada? Será que essas implantações foram uma estratégia da permanência do proletariado no ensino tecnológico e a elite continuando a ser dominante nas universidades? Como é realizada a educação geográfica nesses espaços?

A busca é compreender como o ensino da Geografia nesses ambientes, em que o foco está para o mercado de trabalho, pode ser útil para induzir aos jovens questionamentos, enxergar além das oportunidades que o ensino técnico proporciona. E também mostrar outros trajetos a serem percorridos, como uma possível graduação, sempre induzindo ao estudo, não parar na formação de ensino tecnológico.

Muitas vezes, o ensino da Geografia é moldado para a maior adesão do conteúdo do técnico pelos alunos, às vezes reforçado pelos próprios professores. Mas também existe o lado de que o ensino da geografia muitas vezes é visto sem qualquer utilidade, pensando na lógica do mercado e além de alguns dos próprios cursos técnicos serem voltados para as ciências exatas e biológicas, não tendo a geografia como uma base principal, mas sim como obrigação curricular.

Enfim, a pesquisa, que está em estágio inicial, irá buscar trazer para o centro de discussões a importância de instituições como o IFRJ para o cotidiano da Baixada Fluminense, para a formação profissional e intelectual dos alunos. Além disso, também irá questionar o tipo e a importância da Geografia nessa formação e observar se há e quais são os impactos da Geografia desse profissional e cidadão que, após concluir o ensino médio integrado, irá ingressar no mercado de trabalho.



Objetivos

A pesquisa tem como objetivo geral analisar o ensino de Geografia em escolas técnicas da Baixada Fluminense, e como objetivos específicos: a) pesquisar o sistema técnico na educação; b) compreender a realidade que a(s) escola(s) está(ão) inserida(s); e c) refletir a(s) contribuição(ões) da Geografia no ensino dos Institutos Federais na realidade de alunos moradores da Baixada Fluminense

Caminhos Metodológicos

O método utilizado é o de pesquisa descritiva, com a finalidade de compreender a importância da inserção das escolas técnicas na realidade considerada periférica, dentro da Região Metropolitana do Rio de Janeiro que é a Baixada Fluminense. A pesquisa será baseada em: estudo de bibliografias que tem como foco a educação geográfica e a realidade socioeconômica na Baixada Fluminense, e a educação com formação técnica, para refletir sobre seus impactos. A pesquisa também terá como o foco observar em quais moldes a disciplina de Geografia é abordada nessas instituições que tem o foco voltado para a formação do profissional técnico.

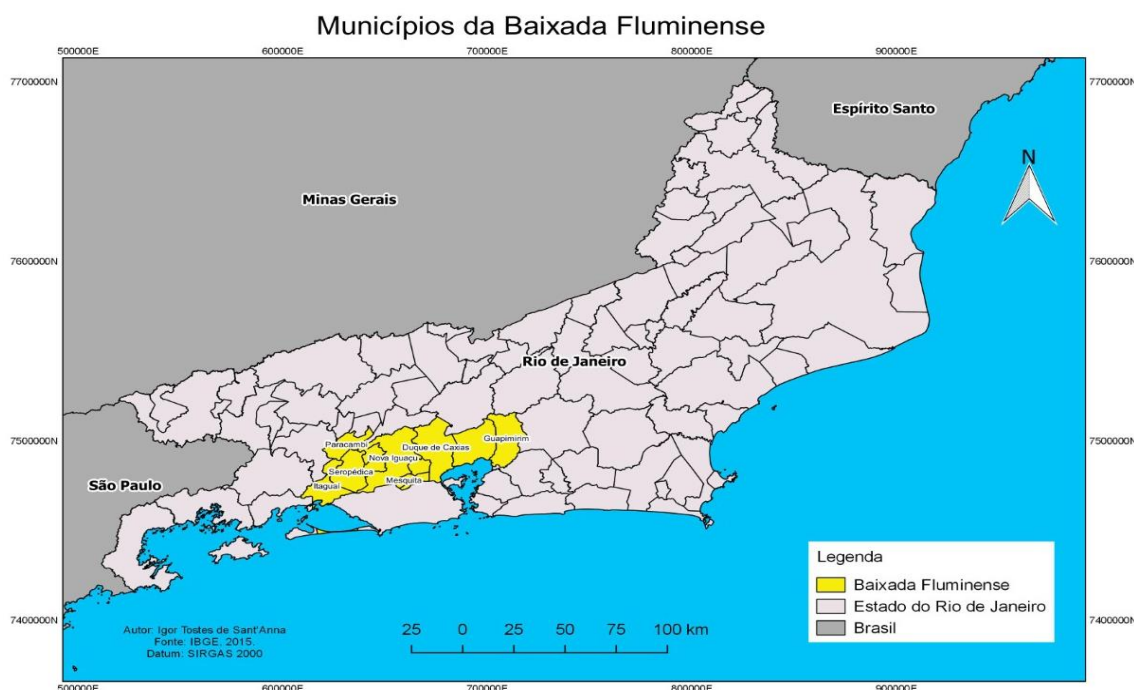
É importante salientar que a pesquisa está em fase inicial e ainda estão sendo realizadas visitas nos diferentes *campi*, num total de cinco distribuídos na Baixada Fluminense, para observar a realidade que a escola está inserida serão realizadas entrevistas para conhecer a realidade socioeconômica e a formação da educação geográfica dos discentes.

Fundamentação teórica

Para começar a pesquisar os impactos da presença dos *campi* de Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro (IFRJ) nos municípios da Baixada Fluminense, foi necessário entender o que é essa região e qual cotidiano é vivenciado por seus moradores.

A Baixada Fluminense fica dentro da Região Metropolitana do Rio de Janeiro e é constituída pelos municípios: Itaguaí, Paracambi, Queimados, Japeri, Nova Iguaçu, Seropédica, Mesquita, Nilópolis, São João de Meriti, Belford Roxo, Duque de Caxias, Magé e Guapimirim, como mostra a figura 1 a seguir.

Figura 1: Municípios da Baixada Fluminense



Fonte: Sant'Ana, 2019.

No contexto social da Baixada Fluminense é possível observar as desigualdades sociais. Santos (2015, p. 24) mostra, por exemplo, que o município de Nova Iguaçu, está em terceiro lugar no ranking da população pertencente a classe média do estado do Rio de Janeiro. Em contrapartida, no campo da educação, o município ganhou nota 4.4 da avaliação do Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB)⁵ de 2015, que varia de 0 a 10.

Dos quatorze municípios que compõem a Baixada Fluminense, há IFRJ em cinco deles: Paracambi, Mesquita, Nilópolis, Duque de Caxias e Belford Roxo. É importante observar a realidade socioeconômica desses municípios, para assim, refletir se a oportunidade de frequentar um ensino médio técnico, onde o aluno já conclui o ensino médio com uma profissão, pode servir como uma possibilidade de ascensão social, já que muitas vezes, os pais desses alunos nunca ingressaram em um ambiente escolar.

Os Institutos Federais foram criados e idealizados no Brasil recentemente. De acordo

⁵ <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rj/nova-iguacu/panorama>



com a Lei n 11.892 de 2008, têm como objetivo

(...) ofertar educação profissional e tecnológica de qualidade, em todos os seus níveis e modalidades, formando e qualificando cidadãos com vistas à atuação profissional nos diversos setores da economia, com ênfase no desenvolvimento socioeconômico local, regional e nacional" (BRASIL, 2008).

No artigo 6 da lei de criação (lei n 11.892) diz que o dever dos Institutos é:

II- desenvolver a educação profissional e tecnológica como processo educativo e investigativo de geração e adaptação de soluções técnicas e tecnológicas às demandas sociais e peculiares regionais (...) IV- orientar sua oferta formativa em benefício da consolidação e fortalecimento dos arranjos produtivos, sociais e culturais locais, identificados com base no mapeamento das potencialidades de desenvolvimento socioeconômico e cultural no âmbito de atuação do Instituto Federal (...) IX- promover a produção, o desenvolvimento e a transferência de tecnologias sociais, notadamente as voltadas à preservação do meio ambiente (BRASIL, 2008).

Compreende-se que a educação técnica tem o propósito de, no ensino médio, formar um jovem que tenha não só a formação necessária para ser aprovado nos exames que dão acesso ao ensino superior, como também que tenha a formação técnica e o conhecimento prático de alguma profissão, para que possa ingressar no mercado de trabalho.

Essa modalidade de ensino, como mostra Freitag (2005, p. 90), inicia-se no governo de Getúlio Vargas com o intuito de formar o chamado “exercito de trabalho”. Nessa fase, a Igreja vai perdendo sua influência e a educação passa a ser um instrumento ideológico do Estado, para favorecer os interesses e necessidades das empresas privadas e continuar reproduzindo esse sistema de classes, já que os filhos dos operários se profissionalizavam para tornarem-se operários e os filhos da elite ingressavam no curso superior.

Com o passar dos anos, esse olhar tecnicista foi evoluindo e a educação, mesmo com formação técnica, compreendeu que as disciplinas ditas “regulares” eram importantes na

formação dos alunos, tanto que quando o atual IFRJ surge, na década de 40, é chamado de Curso Técnico de Química Industrial (CTQI), revelando o propósito que esse curso foi criado. Até 2008 a instituição passa por diferentes alterações no nome, até que o Centro Federal de Educação Profissional e Tecnológico de Química de Nilópolis (CEFETQ), através da Lei nº 11.892, em 29 de dezembro de 2008, vira o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro, mostrando a nova cara do projeto, levando o nome da educação, antes mesmo da ciência e da tecnologia.

Indo contra a ideia que Freitag (2005) apresenta, Homo e Simões (2018, p. 04) afirmam que a escola de nível médio com ensino técnico integrada moderna tem como objetivo central a integração da formação intelectual com a formação profissional, superando a ideia de que o trabalho intelectual é superior ao manual. Fornaro (2018, p. 01) mostra que dentro de um processo de educação frágil, como é o da realidade brasileira, a modalidade com ensino técnico integrado, vem ganhando destaque entre os jovens. Considerando a realidade socioeconômica já apresentada da Baixada Fluminense, é possível observar como é a ideia de já sair do ensino médio com uma formação profissional se torna mais atrativa.

Essa modalidade de ensino busca juntar a formação regular do ensino médio, com as disciplinas propedêuticas, com ensinamentos introdutórios e básicos, a formação profissional e estágios na área de formação específica. Dentro dessa realidade é possível questionar qual é o papel da Geografia nessa formação, como os alunos olham o conteúdo geográfico e como ele é abordado no ensino médio integrado.

Ao abordar a educação geográfica, nesse contexto, é possível observar que em muitos momentos ela possa ser apresentada de forma fragmentada, já que em muitos casos espera-se que seja trabalhada de forma específica para o curso técnico que a instituição oferece. Homo e Simões (2018, p. 05) sinalizam isso ao mostrarem as respostas dos alunos do curso técnico em Agropecuário, localizado no estado de Santa Catarina, quando questionados se a Geografia de sua escola deveria ser diferente de uma escola regular. As repostas, de modo geral, eram que sim, os conteúdos deveriam dialogar com as matérias específicas do técnico, como no caso solo e agropecuária, por exemplo.



É importante despertar a curiosidade do aluno para a Geografia, fazendo com que ele compreenda que essa disciplina está para além da importância em sua vida escolar e vida profissional, abrangendo as questões sociais, ecológicas e econômicas dentro das escolas. Proporcionando o debate dos problemas do mundo em sala de aula.

Apesar do anseio dos alunos por uma formação geográfica voltada apenas para sua formação profissional, Fornaro (2018, p. 03-04) mostra a importância de trazer “diferentes possibilidades para o ensino visando garantir uma formação completa e contextualizada do estudante, que contribua com sua integração cidadã e para o trabalho.” Neste sentido, a Geografia serve para mostrar ao aluno a importância do olhar crítico para sua realidade, apresentar a noção de pertencimento em seu lugar e incentivar a leitura socioespacial dos acontecimentos ao redor.

O currículo do ensino médio no IFRJ é diferenciado do ensino médio. Enquanto a segunda modalidade oferece a disciplina da Geografia durante os três anos, com duas a três aulas semanais por turma, de cinquenta minutos cada, no ensino médio integrado oferta a Geografia apenas nos dois primeiros anos, com duas aulas por semana, com quarenta e cinco minutos cada. É importante ressaltar que no ensino médio do IFRJ, assim como na graduação, o ano é dividido em dois períodos letivos, ou seja, essa modalidade de ensino básico possui oito períodos, totalizando quatro anos de duração.

Fornaro (2018, p. 09) ao observar essa realidade, levanta e responde algumas questões:

Como trabalhar a Geografia com um espaço curricular reduzido em relação ao tradicional para o ensino médio? É possível contemplar os temas propostos para a formação que a disciplina tem como dever? E o papel do docente nesse contexto com o ensino? Após cinco anos de trabalho com no ensino médio integrado é possível afirmar que o ensino de Geografia, mesmo com uma oferta reduzida, pode ser contemplado de modo satisfatório para sua proposta. A utilização de técnicas de ensino diversificadas, tecnologias da informação e ferramentas computacionais, livros e internet contribuem para um trabalho mais efetivo, sem deduzir os temas que fazem parte do conteúdo da Geografia.

Lima, Silva e Araújo (2018, p. 05) abordam a educação geográfica no IFCE de forma diferente, eles defendem a ideia de adaptar a Geografia para o conteúdo da formação específica profissional, eles afirmam que “além dos conhecimentos básicos de Geografia do Ensino Médio, os conteúdos abordados são direcionados de forma integrada ao respectivo curso, onde se objetiva relacionar os conhecimentos técnicos à compreensão das transformações sócioespaciais provocadas pelos processos geohistóricos”. Para os autores, é uma forma atrativa e relevante dos alunos compreenderem a importância da Geografia em sua rotina e, a partir desse primeiro contato, ampliar a relevância dessa disciplina para outras áreas da vida.

Enfim, a pesquisa irá procurar responder essas questões da forma que a Geografia vem sendo abordada nessa modalidade de ensino e como a formação técnica impacta na realidade dos alunos que frequentam o IFRJ. É importante trazer ao centro dos debates que mesmo o tempo de Geografia sendo reduzido nessa modalidade de ensino, ela é fundamental para a formação integral do cidadão e do profissional que sairá da instituição e irá viver em sociedade.

Considerações finais

Compreender a realidade do ensino de geografia e seus impactos nos campi que estão inseridos na Baixada Fluminense possibilita refletir sobre seus impactos na vida do corpo discente que frequenta a escola.

Além desse fator, a pesquisa, que ainda está em fase inicial, procura superar a ideia de que uma escola nível médio com ensino técnico integrado tem apenas como foco a formação profissional do aluno; apesar do currículo do ensino médio integrado prever carga horária de geografia menor que o ensino regular, e evidenciando o protagonismo dos conteúdos do técnico; e não levando em conta a formação intelectual, como se a formação profissional fosse separada do conteúdo das disciplinas ditas “regulares.” O ensino de geografia pode e deve ser adaptado para que os discentes que priorizam o mercado de trabalho possam ter uma perspectiva de questionar, o que está sendo passado para ele como conteúdo e ter uma perspectiva crítica sobre os assuntos do mundo contemporâneo, e não apenas ensinando os discentes a trabalhar.



Referências Bibliográficas

SANTOS, Clézio dos (Org.). **O Ensino de Geografia na Baixada Fluminense**. Nova Iguaçu: IM/UFRRJ, 2015.

História IFRJ. Disponível em: < <https://portal.ifrj.edu.br/instituicao/historico> > Acesso em: 27 de março de 2019.

FREITAG, Barbara. **Escola, Estado e Sociedade**. São Paulo: Centauro, 2005.

HOHN, Melania Olimira.; SIMÕES, Willian. **O Ensino de Geografia em Cursos técnicos de nível médio integrado: entre a formação intelectual e a formação para o mundo de trabalho**. In: Geografia, Ensino & Pesquisa, Vol. 22, p. 01-13, 2018.

BRASIL. Lei n. 11. 892, de 29 de dezembro de 2008. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2007-2010/2008/lei/11.892.htm>. Acesso em: 31 de março de 2019.

FORNARO, Alexandre. **A Geografia no Ensino Médio Integrado: desafios e perspectivas no Instituto Federal de Mato Grosso do Sul**. In: 5º Encontro Regional de Ensino de Geografia. 2018, Campinas. **Anais...** Campinas, 2018. p. 407-418.

LIMA, Anna Érika Ferreira.; SILVA, Danielle Rodrigues da.; ARAÚJO, Enos Feitosa de. **Metodologias Ativas em Geografia: experiências docentes do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE)**. In: Geosaberes. Fortaleza, 2018, v. 9, n. 18, p. 1-13.

SANT'ANA, Igor Tostes de. **Municípios da Baixada Fluminense**. Niterói: Graduando de Geografia na Universidade Federal Fluminense, 2019.